

NA ESCOLA AGRÍCOLA

Índios aprendem em sala de aula como cultivar

SÃO 38 ESTUDANTES DE DIFERENTES ETNIAS QUE ESTÃO INTERNOS NA ESCOLA AGRÍCOLA RAINHA DOS APÓSTOLOS. ELES QUEREM APRENDER PARA AJUDAR SEU POVO

ANA CELIA OSSAME

Deixar para trás o tempo em que o cultivo de frutas, verduras e legumes nas terras indígenas destinava-se apenas à subsistência é o objetivo de 38 estudantes indígenas matriculados na Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos, localizada no Km 23 da rodovia BR-174 (Manaus-Boa Vista).

Vindos de aldeias localizadas em Maués, Barreirinha, Parintins, Tefé e outros municípios, esses jovens vão passar o ano internos na escola para poder aprender conhecimentos cuja utili-

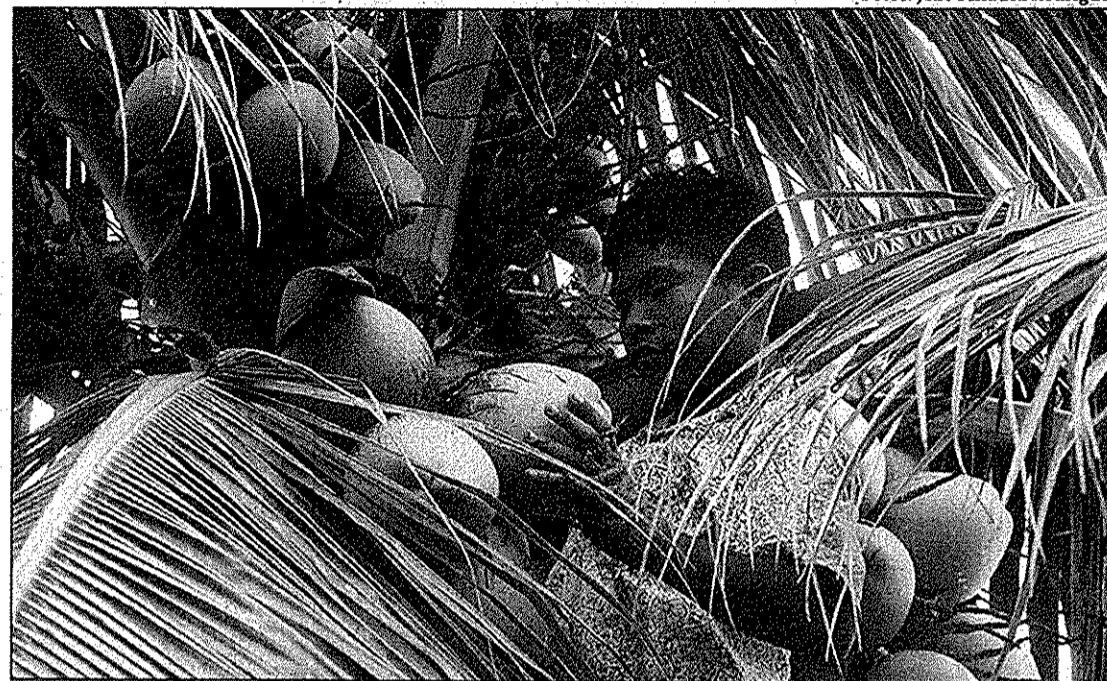
lização vai melhorar a vida de parentes, como afirma o índio Erisson Cardoso da Silva, 16, da etnia mundurucu, do Município de Borba (a 150 quilômetros de Manaus). "Quero aprender tudo o que eles ensinarem para depois transmitir para meu povo", contou ele, orgulhoso de poder fazer diferença entre os parentes.

A escola, fundada em 1974, tem um total de 368 alunos matriculados nos cursos dos ensinos fundamental e médio, dos quais 350 ficam em sistema de internato porque vêm de vários municípios do interior. A escola, subsidiada pelas secretarias estadual e municipal de educação e Suframa, sobrevive também de doações filantrópicas que ajudam a custear livros, cadernos e outros materiais utilizados pelos alunos tanto em sala de aula quanto nas aulas práticas. Nestas, eles aprendem a lidar com a lavoura até a criação de animais bovinos, suínos e alevinos.

"Nós sempre precisamos de ajuda porque temos mais de 300 alunos internos, que recebem cin-

co refeições diárias na escola", explica a diretora Darlene Santos Benayon. A orientadora pedagógica, Maria das Graças Pereira Soares, 34, pedagoga que há sete anos trabalha na escola, diz que a presença dos índios já é uma rotina no quadro da instituição. "Eles chegam calados, tímidos, mas nós procuramos meios para conquistá-los", contou Graça. Como fruto desse trabalho ela aponta a performance de índios como Andrezinho Fernandes Cruz, 18, da etnia cambeba, que tirou primeiro lugar num concurso de redação organizado pela Biblioteca Pública Estadual, sobre os 500 anos do Brasil. "Vários outros já se formaram aqui e estão nas aldeias, desenvolvendo projetos agrícolas", argumenta.

Entre as características marcantes desses alunos, além da timidez inicial, a que mais agrada os professores é a disciplina. "Eles cumprem bem as tarefas, são bons alunos, cuidadosos e obedientes das normas da escola", explica a diretora.



NA PRÁTICA Desejo de poder aprender técnicas e repassá-las a povos indígenas



INTERNOS Maioria vem de aldeias que ficam em Maués, Barreirinha, Parintins e Tefé



ESPECIALIZAÇÃO Kátia Viana diz que desde pequena trabalha na roça e cuida de animais

MÃO NA MASSA

Técnica é aprimorada

Kátia Viana da Costa, 16, é da etnia mundurucu, cuja aldeia fica localizada no Município de Borba (a 150 quilômetros de Manaus). De lá veio para a escola agrícola aprender a técnica daquilo que faz na prática. "Desde criança trabalho na roça plantando e cuidando de animais, mas quero aprender como fazer isso melhor", disse ela, que nos primeiros dias de aula tem cuidado dos jardins da escola, que ocupa uma extensão de 200 hectares de terra. Enfiar as pequenas mãos na terra para adubá-la e prepará-la para o cultivo é uma rotina dessa pequena guerreira que se sente preparada para trabalhar na fruticultura, piscicultura e criação de animais.

"Já tenho alguma experiência", afirma, certa de que isso a ajudará a vencer as dificuldades do novo aprendizado. Na aldeia onde mora, os índios cultivam algumas frutas e verduras, mas em pequena escala e Kátia diz que vai aprender as técnicas para cultivar áreas maiores. Desde os 11 anos afastada do convívio familiar, pois saiu para trabalhar como doméstica em casa de uma família residente na sede do Município de Borba, passando depois por Nova Olinda, Kátia espera voltar depois de formada e preparada para fazer diferença. cursando a 7ª série, ela tem esperanças de poder ajudar o seu povo. "Quero poder levar informações novas e importantes", afirma ela, sem perder a simplicidade. Outro que está otimista com o aprendizado é Erisson Cardoso da Silva, também mundurucu do Município de Borba. cursando a 5ª

série, ele sente-se feliz pela oportunidade de poder aprender técnicas adequadas para o cultivo que fazem falta na aldeia. Evandro Felipe Batista, 15, sateré do Município de Barreirinha (a 328 quilômetros) está cursando a 5ª série e tem interesse especial pelo aprendizado da criação de animais do tipo ovino. "Gosto de cuidar de animais", explica ele, que mesmo com essa preferência, não deixa de participar das aulas de cultivo de hortaliças, frutíferas e jardinagem. Há quatro anos na escola, Adelmo Rodrigues Beleza, 19, cursa o 1º ano do ensino médio e está contente com o aprendizado. "Nós estudamos um período na escola formal e no outro vamos para o campo", explica ele, que é mundurucu da aldeia Quatar, em Borba. Sobre a escola, ele só tem elogios. "Já aprendi muitas coisas que vão melhorar a vida na aldeia e espero poder fazer isso logo", conclui.